

# DA INSEGURANÇA LINGUÍSTICA À INSEGURANÇA BIOGRÁFICA: HIPOBIOGRAFIZAÇÃO, UMA NOVA PRÁTICA “AUTOMEDIAL”

■ FRÉDÉRIC MOUSSION<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0009-0009-6302-7589>

Université de Sorbonne Paris Nord

## RESUMO

Se os indivíduos podem agir sobre sua própria insegurança linguística (IL doravante), mediante uma ação de risco reveladora de fenômenos de hipocorreção, o que dizer da insegurança biográfica (IB doravante)? O objetivo deste artigo é fazer um balanço de nossas pesquisas sobre a IL, retomando algumas noções, notadamente, as que dizem respeito ao fenômeno de hipocorreção. Depois de propor uma definição de insegurança biográfica (IB), ilustraremos como este conceito é revelador do poder de ação exercido por Yaël sobre sua IB, mediante a emergência de fenômenos de hipobiografização, característicos do que consideramos ser uma nova prática automedial.

**Palavras-chave:** Insegurança linguística. Hipocorreção. Insegurança biográfica. Hiperbiografização. Hipobiografização.

## ABSTRACT

### FROM LINGUISTIC INSECURITY TO BIOGRAPHICAL INSECURITY: HYPOBIOGRAPHIZATION, A NEW “SELF-MEDIAL” PRACTICE

If individuals can act upon their own linguistic insecurity (henceforth LI), via risk-taking actions, that are indicative of hypocorrection phenomena, what about biographical insecurity (henceforth BI)? The aim of this article is to take stock of our research into LI and to review a number of concepts, such as the phenomena of hypocorrection. Then, after proposing a definition of biographical insecurity (henceforth BI), we will illustrate this concept by revealing how Yaël managed to act upon her BI, through the emergence of hypobiographisation phenomena, characteristic(s) of what we consider to be, a new automedial practice.

**Keywords:** Linguistic insecurity. Hypocorrection. Biographical insecurity. Hyperbiographisation. Hypobiographisation.

1 Tradução Maria da Conceição Passeggi

## RESUME DE L'INSECURITE LINGUISTIQUE A L'INSECURITE BIOGRAPHIQUE: L'HYPOBIOGRAPHISATION, UNE NOUVELLE « PRATIQUE AUTOMEDIALE »

Si les individus peuvent exercer un pouvoir d'agir sur leur propre insécurité linguistique (désormais IL), via un agir avec prise de risques, révélateurs des phénomènes d'hypocorrection, qu'en est-il de l'insécurité biographique (désormais IB)? Cet article vise à dresser un état des lieux de nos recherches concernant l'IL et à revenir sur quelques notions, notamment celles de phénomènes d'hypocorrection. Puis, après avoir proposé une définition de l'insécurité biographique (désormais IB), nous illustrerons ce concept en dévoilant le pouvoir d'agir que Yaël est parvenue à exercer sur son IB, via l'émergence de phénomènes d'hypobiographisation, caractéristique(s) de ce que nous considérons être, une nouvelle pratique automédiale.

**Mots-clés:** Insécurité linguistique. Hypocorrection. Insécurité biographique. Hyperbiographisation. Hypobiographisation.

## RESUMEN DE LA INSEGURIDAD LINGÜÍSTICA A LA INSEGURIDAD BIOGRÁFICA: LA HIPOBIOGRAFIZACIÓN, UNA NUEVA PRÁCTICA “AUTOMÉDICA”

Si los individuos pueden actuar sobre su propia inseguridad lingüística (IL en adelante), a través de una acción arriesgada que revela fenómenos de hipocorrección, ¿qué ocurre con la inseguridad biográfica (IB en adelante)? El objetivo de este artículo es hacer balance de nuestras investigaciones sobre la IL, revisando algunas nociones, en particular las relativas al fenómeno de la hipocorrección. Tras proponer una definición de inseguridad biográfica (IB), ilustraremos cómo este concepto revela el poder de acción ejercido por Yaël sobre su IB, a través de la emergencia de fenómenos hipobiográficos, característicos de lo que consideramos una nueva práctica automédica.

**Palabras clave:** Inseguridad lingüística. Hipocorrección. Inseguridad biográfica. Hiperbiografización. Hipobiografización.

## Insegurança linguística: uma síntese de nossas pesquisas

A insegurança linguística (doravante IL) resulta da tomada de consciência de uma distância, ou de um fosso existente entre o que os indivíduos dizem, ou pensam que dizem, e uma língua (ou variedade de língua) socialmente legitimada, aquela das classes sociais dominantes. Segundo L-J Calvet (1999), a IL provém, ao mesmo tempo, “da comparação do próprio dizer com o dizer legítimo” e do “estatuto atribuído a este dizer interiorizado pelo falante” (p. 160). Ela seria, assim, o produto de uma norma, observada por um conjunto de falantes fictícios, veiculada pela instituição escolar, simultaneamente, característica e sintomática de “uma procura de legitimidade mal sucedida” (M. Francard, 1993, p. 13). Por essa razão, é que se atribui, ou não, a alguém o direito de tomar a palavra em uma determinada situação e em um determinado dizer. Em suma, a IL corresponde à distância entre as representações dominantes em um determinado meio (por exemplo, a escola) e os usos linguísticos das pessoas que a ele pertencem (no caso, os alunos). O resultado é a emergência de um sentimento, criado por essa distância, que pode ser definido, segundo A. Bretegnier (2002), como [estando] ligado à percepção, por parte de (um grupo de) locutor(es), da ilegitimidade do seu discurso face a modelos normativos em função dos quais os usos são avaliados (p. 9).

A IL está fundamentalmente ligada às noções sociolinguísticas de norma e de comunidade linguística; mantendo uma relação ambivalente e conflitual com a língua, na medida em que revela o fosso entre o que é e o que deve ser, sobretudo, na interação verbal. A partir daí, o indivíduo estaria condenado, por assim dizer, a atuar num entre-lugar, tanto do ponto de vista linguístico, quanto do ponto de vista identitário. Uma das manifestações mais

estudadas da IL é o fenômeno da hipercorreção, que se caracteriza pelo fato de se cometer erro devido à procura de formas de prestígio mal dominadas. Para Francard (1997), ela “está ligada ao desejo dos falantes, sobretudo, os da pequena burguesia [cf. Labov (1976, 1977); Bourdieu (1982, 1983, 1986)], de produzirem formas que consideram prestigiosas, desejo frustrado pelo domínio insuficiente da variedade legítima” (p. 159).

Em nossa tese<sup>2</sup>, nos centramos nos fenômenos de hipocorreção como ponto cego da insegurança linguística. Esses fenômenos foram até agora definidos, principalmente por P. Bourdieu (1982), como uma estratégia de diferenciação das classes sociais superiores, que se permitem “fazer menos” linguisticamente. Isso se manifesta, particularmente, pelo “relaxamento confiante e a ignorância de regras mais minuciosas”, sendo portanto considerado enquanto novas “marcas socialmente reconhecidas como distintas” (p. 54-55). Embora nem todo o silêncio seja sintomático de uma IL, o mutismo, a culpabilidade, a desvalorização do modo de falar em relação a uma norma de referência, a vergonha ou o medo de se expressar, continuam característicos de formas da IL mais ou menos extremas.

No âmbito de nossas pesquisas, colocamos as seguintes questões: Como poderíamos ouvir o indivíduo silencioso e dar conta da insegurança linguística, com base em narrativas negligenciadas, mas que constituem um acontecimento para o sujeito? Seria possível conceber que o indivíduo seria capaz de assumir seu poder de ação sobre sua IL, sem tender sistematicamente para uma ou outra norma? Este poder de ação, não seria, entre outros, mais representativo de fenômenos de hipocorreção

2 Cf. Moussion, F. (2022). *L'insécurité linguistique: du processus de biographisation à l'émergence du transclasse*. [Tese de doutoramento em Ciências da Educação e da Formação, Université Sorbonne Paris Nord].

e característico de percursos de vida das *trans-classes* (Jaquet, 2014, 2018, 2021)?

Nos afastando da definição original de P. Bourdieu, redefinimos os fenômenos de hipocorreção como característicos de um poder agir, representativo de formas de resistência que um indivíduo, considerado transclasse, pode ou poderia potencialmente exercer sobre a sua própria IL. Esses fenômenos se manifestariam via um processo de *conscientização*, corolário de uma ação arriscada, reveladora de um sujeito *parresiástico*, e representativo da passagem de uma IL dita/enunciada a uma IL agida/acional, ou seja, segundo M-L Moreau (1997), “necessariamente ancorada numa experiência afetiva individual”.

- Segundo P. Freire (1974), o processo de conscientização concerne à passagem de uma consciência *ingênua*, relacionada à experiência vivida, para uma consciência *crítica*, que considera na tomada de consciência, pelo indivíduo, que situações vividas referem-se a realidades sociais sistêmicas.
- O sujeito *parresiástico* é aquele que é suscetível de exercer um poder de ação sobre sua própria IL, através de um enunciado de natureza *parresíastica*, ou seja, o que leva à produção de um enunciado verídico, comprometendo o sujeito falante (locutor), qualquer que seja o seu estatuto, produzindo efeito retroativo sobre ele, mediante a aceitação da abertura de um espaço de risco indeterminado. A *parrésia* foi estudada e analisada em particular por M. Foucault (2001a, 2001b, 2008, 2009, 2016), em sua última obra sobre “a procura da verdade” e que pode ser definida como:

[uma] franqueza, abertura do coração, abertura da palavra, abertura de linguagem, liberdade da palavra [...] que faz com que se diga o que

se tem a dizer, que se diga o que se tem vontade de dizer, que se diga o que se pensa que se tem a dizer porque é necessário, porque é útil, porque é verdadeiro. Na aparência, a *libertas* ou *parrhesia* é essencialmente uma qualidade moral exigida de todo sujeito falante. Uma vez que falar implica que se diga a verdade, como não se impor uma espécie de pacto fundamental a todo sujeito que toma a palavra para que ele diga a verdade porque a crê verdadeira? (M. Foucault, 2001b, p. 348-349). Em última análise, “na parrésia, quem fala faz uso de sua liberdade e escolhe a verdade ao invés da mentira, a morte no lugar da vida e da segurança, a crítica ao invés da lisonja, o dever no lugar do interesse e do egoísmo (Foucault, 2016, p.86).

## Por uma definição da insegurança biográfica

Tendo em conta o conjunto dos parâmetros acima mencionados e a redefinição dos fenômenos de hipocorreção, foi possível elaborar uma definição de insegurança biográfica (IB). Tal como a IL, a IB poderia ser subsumida como busca de legitimidade, que se materializa pela distância existente entre a forma como os indivíduos se biografam<sup>3</sup> e uma biografização socialmente legitimada, entre as quais, a das classes sociais dominantes. O resultado seria um distanciamento entre as representações dominantes num determinado meio (por exemplo, o meio escolar) e a biografização das pessoas pertencentes a esse meio (neste caso, os alunos).

Tal como no caso da IL, esta discrepância pode dar origem a sentimentos de mal-estar, rejeição, medo, exclusão etc. Consequentemente, a IB pode levar à emergência de formas de *hiperbiografização*, caracterizadas por uma

3 « Estamos constantemente a nos biografar, isto é, a inscrever nossa experiência em padrões temporais orientados que organizam mentalmente nossos gestos, nossos comportamentos, nossas ações, segundo uma lógica de configuração narrativa” (Biographie/Biographique/Biographisation. In C. Delory-Momberger (dir.). *Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique* (2019a, p. 49).

tendência a adotar um ou mais modelos normativos de biografização, que seriam prerrogativas de classes sociais e/ou modelos (*patterns*) ditos dominantes. O resultado, à semelhança do que acontece com a hipercorreção, é uma tendência a cometer erros resultantes de formas de biografização, insuficientemente apreendidas. Segundo Christine Delory-Momberger (2004), a biografização é entendida, como:

[...] um conjunto de operações mentais, verbais e comportamentais através das quais os indivíduos se inscrevem subjetivamente nas temporalidades históricas e sociais que lhes são pré-existentes e os rodeiam, apropriando-se das sequências, programas e padrões biográficos formalizados [...] dos mundos sociais dos quais participam (Delory-Momberger, 2004, p. 6).

Esses fenômenos de *hiperbiografização* poderiam ser ilustrados e ter ecos na cena descrita por D. Eribon em *Retour à Reims* (2009), na qual o autor, que vive em Paris e frequenta o mundo burguês parisiense, encontra um dia o seu avô na rua, sua primeira reação é a de se perguntar se o avô o tinha visto e, em caso afirmativo, o que ele diria a alguém que lhe perguntasse sobre aquele homem:

[Meu avô] circulava de mobilete com sua escada e seu balde, ele ia limpar vidraças de cafés ou de lojas, situadas, às vezes, muito longe do lugar onde morava. Um dia, quando estava passeando no centro de Paris, ele passava por ali, me viu e parou junto à calçada, feliz pelo encontro casual. Eu estava incomodado, aterrorizado pela ideia de ser visto com ele, empoleirado em seu estranho veículo. O que teria eu dito se alguém me tivesse perguntado: “Quem era aquele homem com quem você estava conversando?” [...] Eu estava em pedaços. Me sentindo mal dentro da minha pele. Minhas convicções estavam em desacordo com a minha integração no mundo burguês e a crítica social que reivindicava, em conflito com os valores que se impunham a mim, e não posso nem sequer dizer “apesar de mim”, uma vez que nada me obriga-

va a isso, além da minha submissão voluntária às percepções e julgamentos dos dominantes [...] (p. 72).

Neste exemplo, a *hiperbiografização* se caracteriza pela relação conflituosa do autor com as classes superiores, ditas “cultas”, “em relação às outras - as classes ‘inferiores’, ‘sem cultura’” (*Ibidem*, p. 107). Ela se concretiza sob a forma de *Honte sociale* (Vergonha social) (*Ibidem*, p. 54) e/ou *hontologia social* (Eribon, 2011, p. 43), que, como uma força centrífuga, impele o autor a “tenta[ar] se assemelhar a elas, agir como se [ele] tivesse nascido como eles, a manifestar a mesma desenvoltura que eles, [sobretudo] na situação estética” (Eribon, 2009, p. 108).

Nesta fase, parece legítimo perguntar se o autor, ou qualquer indivíduo, poderia exercer um poder de ação sobre sua IB e sobre os fenômenos de *hiperbiografização*, sobretudo, através da emergência de fenômenos que designamos de *hipobiografização*. Tal como acontece com a IL, esses fenômenos poderiam ser representativos do poder de ação e das formas de resistência que um indivíduo pode, ou poderia, potencialmente exercer sobre sua própria IB. Eles se manifestariam com base em um processo de conscientização, corolário de um agir de risco, ao mesmo tempo, revelador de um sujeito *paressiástico* e representativo da transição de uma IB dita/pronunciada, para um IB, plenamente, acional e/ou crítica.

Doravante, trata-se de considerar a insegurança linguística e/ou biográfica do sujeito, mediante a evidência de uma narrativa que representa um acontecimento para a pessoa (que, erradamente, poderia considerá-lo como um não-acontecimento<sup>4</sup>), e do qual venha a emergir fenômenos de *hipobiografização*. Tais fenômenos nos levariam, como no caso da IL, a *rea-*

4 Cf. Moussion, F. (2020). Le non-événement: vers la prise en compte d'un nouveau paradigme? *Questions Vives*, n° 34, 48-65. [on line] <https://journals.openedition.org/questionsvives/4963>

*brir os possíveis*, no sentido desenvolvido por F. Jullien (2023), isto é *des-coincidindo* e, portanto, “abrindo uma brecha no interior de [uma] situação que se tornou inerte, [para que] algo efetivamente novo possa emergir” (p. 20-21).

## Da insegurança linguística à insegurança biográfica: uma ilustração dos fenômenos de hipobiografização

Yaël ensina francês na universidade há cerca de trinta anos. Sua entrevista narrativa de investigação biográfica, retirada da nossa tese de doutoramento, foi realizada em 29 de março de 2021. Ela dá sequência a várias trocas informais sobre a IL, que havia sido abordada de forma mais ou menos indireta. Embora a biografia de Yaël evidencie traços marcantes do seu percurso de vida, revelando o seu desejo de emancipação, a sua IL e/ou IB não são imediatamente evidentes. Ela[s] alinha(m)-se e esta procura progressiva de legitimidade que se revela menos através da(s) linguagem(ns), no sentido de Merleau-Ponty, ou seja, dos « sistemas constituídos de vocabulário e de sintaxe, os ‘meios de expressão’ que existem empiricamente” (Merleau-Ponty, 1945, p. 229), do que através da *palavra falada*, que “goza das significações disponíveis como se fossem uma fortuna adquirida”, e se coloca, assim, no modo de abertura ao outro e, portanto, de explicitação do vivido, como “uma onda [que] se recolhe e se retoma para se projetar para além dela mesma” (*Ibid*, p.230).

## Insegurança linguística e hipercorreção: a imagem do livro fechado

Desde o início da nossa entrevista, Yaël explica o papel e a importância da leitura para ela,

desde sua infância, como forma de escapar de um ambiente familiar pesado:

F: E de onde veio essa paixão pela leitura?

Y: A paixão pela leitura? ... Foi provavelmente também uma forma de escapar, um pouco. Hoje, eu explico assim, de escapar um pouco do universo familiar que me parecia um pouco sufocante.

O caso que Yaël nos conta sobre os livros que sua mãe tinha comprado para ela num supermercado, pedindo-lhe que não os abrisse, até as férias seguintes, simboliza a batalha constante que Yaël devia travar contra sua mãe, que lia muito pouco, o que Yaël explica pelos maus resultados por ela obtidos durante sua escolarização:

Uma luta [...] o termo é um pouco forte demais, mas se calhar, às vezes, era um pouco uma luta, quer dizer, ela lia, eh [...] lia pouco, e para ela [...] tinha que fazer os trabalhos de casa, e para ela, o lazer era essencialmente fazer esporte, ir andar [...] e era um pouco uma obsessão, entre aspas, do ar livre, então, era isso. Minha mãe, de fato, não suportava me ver passar dias inteiros lendo [...] no meu quarto, eu tinha uma pilha de livros que não abria, embora eu bem que poderia ter aberto, eu esperava, efetivamente, o sinal, ou seja, que esses livros fossem lidos durante as férias.

A imagem do livro, o objeto-imagem<sup>5</sup>, e a sua representação, a imagem-objeto, ou seja, por um lado, a do insucesso escolar da mãe e, por outro, a da luta pela emancipação de Yaël, permanecem características do conflito permanente, aqui, entre uma mãe e uma filha:

Minha mãe tinha más recordações da escola [...] talvez [...] . más recordações escolares. Ela me contou uma vez que [...] . era uma má aluna [...] tinha passado para o 6º ano, mas, de fato,

5 Cf. Moussion, F. (2023). D'une résilience dite à une résilience agie: des phénomènes d'hypocorrection à l'émergence du transclasse? In N. Balutet & E. Camp-Pietrain (eds.). *La résilience du transclasse. Parcours personnels, politiques, littéraires.* (p. 113-134). *Le Bord de l'eau* (documentos).

devido a seus péssimos resultados, ela repetiu o ano, foi retirada do percurso clássico e foi colocada, não lembro mais o que era como percurso naquela época e [...] isso [...] eu penso, que ela guardou disso uma ferida bastante [...] bastante [...] virulenta [...] bastante potente [...] Eu sempre fui melhor nessas disciplinas do que em matemática, em que sempre fui má aluna e, por isso, me diziam, sem parar, que deixasse de ler livros [ [...] ]. Na minha família, o tempo era estruturado pelo estudo e a escola, para mim, e o trabalho de empregada para a minha mãe, então havia essa separação entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer. Mais uma vez, era um tempo de lazer fora de casa, e até hoje, minha mãe é feliz quando está fora de casa [...] Ora, a leitura, significava estar dentro de casa e estar estática, e estar estática com um livro [...] e isso era uma perda de tempo para ela [...] mas eu também achava que ela vivia mal o fato de eu me isolar. Em todo o caso, eu introduzia na família, uma diferença, eu não era como os outros.

Este símbolo do livro fechado, caracterizado pela pilha de livros no seu quarto e que ela estava proibida de abrir até às férias seguintes, lança as bases da resistência de Yaël com relação à sua mãe. Sua paixão pela leitura era parte constitutiva de um imaginário, de uma *fantasia*, sendo o livro considerado como símbolo de emancipação. No entanto, a consciência do conflito continua bem presente, e a sua IL se traduz aqui no fato de que ela parece aumentar o conflito, utilizando um vocabulário que ela descreve como “mais elevado do que o da mãe”. Esta forma de hipercorreção, no sentido de que ela se “esforça demasiado”, vai lhe permitir enfrentar sua mãe apesar do medo que tinha dela:

Eu tinha medo da minha mãe, então eu não dizia nada, mas eu poderia, eu respeitava muito a autoridade [...] Acho que comecei a enfrentá-la quando era adolescente [...] Quando era mais jovem, não acredito ter enfrentado [...] Lembro que uma vez, não sei se tinha mesmo a ver com a leitura, mas ela havia me irritado

muito [...] porque era preciso sair sempre e eu começava a dominar muito bem a linguagem; penso que a partir dos 12 anos, eu já era capaz de utilizar um vocabulário mais elevado do que o dela, então, era um pouco uma relação dominante-dominada com minha mãe, e os papéis mudavam [...] Eu tinha lido isso [...] Preciso de calma, nem todo mundo é obrigado a ser uma pilha elétrica como você. Por isso, eu acho que aprendi muito rapidamente a me defender pela linguagem, a rejeitar as coisas, a colocá-la um pouco no seu lugar [...]

A consciência do conflito é aqui claramente presente, o sujeito-imagem e o objeto-imagem estão, un e outro, presentes num outro mundo. A mãe de Yaël vê o livro como uma perda de tempo e como o símbolo de seu próprio fracasso escolar, enquanto que para Yaël, o livro representa uma abertura, uma emancipação, através do imaginário, face a um clima familiar sufocante. A IL de Yaël se materializa sob a forma de uma “busca não exitosa de legitimidade” (Francard *et alii*, *op.cit.*), que se manifesta, sobretudo, pela “sujeição” do locutor a um modelo, neste caso ao da mãe, para quem a leitura é considerada uma “perda de tempo”.

Yaël nos contou uma segunda história, em que ela, graças ao seu domínio da língua e ao poder que estava adquirindo com isso, vai se autorizar, gradualmente, a usar novamente o excesso, o exagero e formas de hipercorreção, para evitar, segundo suas palavras, “uma repreensão dos pais”, por um problema que havia provocado na sala de aula e que tinha levado a um teste surpresa coletivo:

Y: Tenho algumas recordações muito engraçadas, quando ainda estava na casa da minha mãe, é sobre um problema que provoquei [...] Um teste surpresa, porque eu tinha feito uma pergunta a um professor que não gostou da pergunta, então, ele fez um teste surpresa pra todo mundo e todos me culparam [...] então eu contei essa história a meus pais, na hora do jantar, e disse que “ele nos repreendeu duramente” e aí (risos), eles ficaram de cara dura,

acho que estavam prontos para me repreender.

F: E essa “repreensão dura” foi antecipada ou natural?

Y: Natural [...] Comecei a falar como um livro [...] Sempre que podia, passava o meu tempo a ler livros.

F: Então, você está dizendo que foi, graças à linguagem, ou melhor, à palavra, que você conseguiu desviar, fazer com que a... falha [...] o erro [...]

Y: Sim, que fosse esquecido, deixado de lado.

Entretanto, a consciência do conflito permanece sempre presente e Yaël a utiliza, como ela mesma afirma, de modo natural. Ela usa o seu conhecimento e a falta de familiaridade dos pais com o verbo “repreender” para desviar a atenção deles e evitar um eventual castigo. Como Yaël procura a emancipação, a hipercorreção a que recorre parece estar de acordo com as conclusões de Labov (1976), que descreveu a hipercorreção como algo particularmente presente no seio da pequena burguesia, sobretudo, entre as mulheres que, entre outras coisas, teriam mais probabilidades do que os homens de adotar uma estratégia de ascensão social.

## IB e hipobiografização: a imagem do livro aberto

Yaël nos explicou que quando ela ainda era muito jovem, aos 14 anos de idade, seus pais se divorciaram, por isso foi viver com seu pai. E desde aquele momento “as coisas foram muito diferentes”. A IB de Yaël se materializou sob a forma de uma “transformação silenciosa” (Julien 2013) e daquilo que Berger & Luckmann (1966/2018) chamam de um *choque biográfico*. Também conceitualizado por Delory-Momberger (2009, p. 69), como um confronto com “padrões biográficos veiculados por mundos sociais e biografias de experiência”.

O mundo social em que Yaël vai evoluir a partir de então é aquele em que a leitura e os livros ocupam um lugar importante. As atitudes de sua madastra, que possuía uma “biblioteca muito, muito grande”, se contrapõem às injunções de sua mãe, e ela vai passar suas primeiras férias a ler. Ela coloca no centro de sua história seu agir progressivo através das leituras, que partilha com a madastra, o que vai lhe permitir constituir-se progressivamente e se afirmar com relação ao seu meio de origem. A este respeito, um caso resume perfeitamente a ruptura que Yaël sofre no momento de se mudar para a casa do pai, ela fala de uma conversa entre sua mãe e sua madastra sobre a relação dela com os livros e a leitura e que sua mãe aceitava dificilmente que a filha dela pudesse se desenvolver e trocar impressões sobre o assunto com outros adultos:

Aliás, esse caso da leitura é importante porque um dia a minha mãe, de modo muito excepcional, veio... enquanto ela e meu pai quase não se viam, mal se falavam [...] Minha madrastra disse para ela: “Quando ela veio viver com a gente, eu conversava com ela e falávamos de livros”. E minha mãe me falou dessa conversa, dizendo: “Evidentemente, não seria comigo que você podia falar de livro(s)”.

Após a entrevista, Yaël explicou que essa mudança tinha lhe permitido “salvar sua pele”, fazendo dela o que ela é hoje, graças à leitura, pois sua madrastra a autorizava a ler todos os livros que quisesse e a pedir emprestado na biblioteca municipal. O símbolo do livro aberto, esta liberdade, esta IB em ação, encarnada na possibilidade para Yaël de ler tudo (“Eu lia tudo, mas às vezes, eu não compreendia obrigatoriamente muito [...] Eu lia tudo [...]”), se inscreve numa *parrésia*, mediante a emergência de fenômenos de *hipobiografização*, quando ela tenta, pela primeira vez, explicar à sua mãe a importância dos livros e da leitura:

Y: Então, eu penso que isso verdadeiramente a magoou, no entanto, o que minha madrasta lhe disse não foi para magoá-la, foi sincero [...] Eu penso que minha madrasta foi sincera numa relação aberta com minha mãe e que as coisas que ela disse não eram de modo algum para magoar, nem para humilhar, mas para lhe falar [...] mas, minha mãe quando me falou dessa conversa estava profundamente magoada...

F: Você tentou tranquilizá-la, iniciar uma conversa?

Y: Sim, tentei lhe explicar [a importância dos livros e da leitura para ela], mas [...] também acho que, naquela época, eu estava revoltada contra todos os adultos e estava numa fase de afirmação absoluta [...] de rejeição total e de afirmação absoluta do que eu pensava que queria ser.

A tentativa de explicação de Yaël é aqui uma ação de risco e, por isso, um fenômeno de *hipobiografização*. No entanto, a ausência de um *pacto parresiástico*<sup>6</sup> indica a presença subjacente de uma consciência em conflito, a imagem e o símbolo da leitura estão sempre presentes, para Yaël e para sua mãe, em mundos diferentes.

## IL e hipocorreção vs IB e hipobiografização: habitar em algum lugar

Quando adulta, Yaël será levada a viver em diferentes países. Mais uma vez, a sua IL vai se concretizar sob a forma de uma busca progressiva de legitimidade, dando lugar desta vez a fenômenos de hipocorreção. Tendo vivido em Marselha, durante muitos anos, a identidade, que ela chama de híbrida, vai lhe permiti-

tir mostrar, abertamente, seu pertencimento a essa cidade, tanto cultural, quanto geográfico. Assim, os fenômenos de hipocorreção se manifestam quando Yaël experencia uma *parrésia*, ou seja, um agir com riscos. Isso acontecerá quando ela francfoniza os outros, o que corresponde (como nos explicará depois da entrevista) a uma quase obrigação de falar francês com seus interlocutores e de não recorrer sistematicamente ao inglês, que ela se recusa a falar, especialmente, quando se encontra no estrangeiro.

Desta forma, Yaël traz os outros para sua língua, estabelecendo um *pacto parresiástico*, apesar do seu leve sotaque de Marselha. De fato, ela sabe muito bem que a imagem de Marselha projetada em seu sotaque, com seus particularismos, será menos “estigmatizada” pelos não francófonos. E considera que, ao francfonizá-los, eles poderiam falar e, sobretudo, agir como ela. Sua IL crítica caracteriza-se por um agir com riscos, em que a *fantasia perceptiva* aniquila a consciência do conflito entre a imagem de Marselha e suas representações.

Yaël age *como se* os clichês veiculados, o estigma, estivessem presentes no mesmo mundo, reunindo-se inteiramente numa percepção no presente, e isso, “graças à construção de uma coisa através do imaginário [...] [em que] havia uma verdadeira criouliização, intelectual e emocionalmente”:

F: Então, nos Países Baixos, você acha que manteve alguns traços do sotaque de Marselha?

Y: Sim, acho que eu tinha um ligeiro sotaque de Marselha, mas tenho a sensação de que me adapto em função das circunstâncias [...] Também tenho, é preciso dizer, um lado hegemônico [...] eu “francfonizo” as pessoas [...] Logo que eu posso voltar a criar um ambiente francófono à minha volta, eu me apresso em fazer isso e tento atrair os outros para minha língua [...] Quero levar as pessoas a falar minha língua.

<sup>6</sup> Segundo a definição dada por Foucault, o *pacto parresiástico* inclui, por um lado, que o sujeito “se vincule [ao mesmo tempo] ao conteúdo do enunciado e ao próprio ato do enunciado” (Foucault, 2008, p. 62) e, por outro lado, um elemento primordial é que “aquele a quem essa parresia é dirigida deverá mostrar sua grandeza d’alma, aceitando que lhe digam a verdade” (Foucault, 2009, p. 14).

Assim como ela passou do mundo do *livro fechado* para o mundo do *livro aberto*, aos 14 anos de idade, quando ela se mudou, Yaël vai mobilizar sua *bioteca*, ou seja, “o conjunto de experiências e de recursos biográficos do qual dispõe o sujeito” (Delory-Momberger, 2019b, p. 90), para por em evidência e explicitar as razões pelas quais, em algum momento, ele teve que *morar em algum lugar*. Nascida em Rennes, Yaël se mudou para Marselha com 14 anos de idade, para em seguida ir viver durante alguns anos nos Países Baixos e, por fim, se estabelecer em Paris. Yaël reivindica uma identidade híbrida. Sua IB vai se manifestar sob a forma da emergência de fenômenos de *hipobiografização*, quando, nos Países Baixos, ela vai tentar, como ela mesma adianta, “afirmar o estigma”, com um colega francês:

Y: Eu também costumava dizer [nos Países Baixos], esse é o meu lado provocador, que eu vinha dos bairros do norte [...] Eu estava afirmando o estigma.

F: E em que contexto, você fazia isso?

Y: Eu disse isso, uma vez, para o amigo de uma colega que era francês ; o amigo de uma colega chinesa me telefonou [...] Eu disse pra ele que eu morava na periferia do norte de Marselha e ele ficou bastante chocado com o fato de alguém poder se gabar disso.

F: Ele ficou chocado por que motivo?

Y: São bairros muito populares, com uma população [...] e para ele, uma pessoa não pode se gabar disso, é de fato um desestímulo. Para ele, não se podia viver nos bairros do norte [de Marselha].

Os fenômenos de *hipobiografização* se caracterizam, como definimos inicialmente, por um agir com riscos, ou seja, através de uma *parrésia*. Yaël afirma aqui o estigma, disposta a chocar seu colega. No entanto, a ausência de um *pacto parresiástico*, no sentido, originalmente definido por Foucault (2016), como

“engajamento por parte do mais forte, de não punir o mais fraco pela verdade dolorosa que ele está prestes a enunciar” (p. 65), “abrindo [assim] um espaço de liberdade, um espaço de direito à palavra àquele que não é o senhor” (p. 29), obrigando-o ao dever de reivindicar “seu pertencimento aos bairros do norte, a este lugar, que é um lugar onde há seres humanos [...] Fazia parte de um discurso antirracista. Era para defender esses moradores, para que tivessem uma identidade tal como eram”.

Diante da reação de seu colega, não é possível vislumbrar, ali, a implementação de um verdadeiro poder agir sobre sua IB, caracterizado pela emergência de fenômenos de *hipobiografização*, sendo estes últimos sintomáticos de uma ausência de consciência de conflito (via uma *fantasia perceptiva*), implicando a conclusão de um *pacto parresiástico*, lembrando que, aqui, ele não aconteceu.

## Da hiperbiografização à hipobiografização: imagem de Paris vs imagem da periferia

Quando Yaël se estabelece em Paris, ela começou, em compensação, a “fingir”, na medida em que, para ela, “havia uma perda de liberdade” e quando ela “se dá conta pogrressivamente [que ela não pode] mudar as coisas, pois existe uma espécie de chapa de chumbo”. Sua IB é levada ao auge, como ilustra o excerto abaixo:

Não, não, eu, eu não chego em Paris [...] e eu não consigo colocar minhas malas em Paris [...] Eu sou rejeitada por esta cidade, por várias razões [...] Elas nunca foram colocadas em Paris, as minhas malas [...] É [...] É a primeira vez que verbalizo isso [...] Eu tento por minhas malas em Paris [...] minhas malas, eu vou colocá-las na periferia.

A imagem de Paris, sua cultura, o que ela representa, é estranha para Yaël. A imagem desta cidade é instável, fugaz, ela sente inse-

gurança, certamente, não essencialmente linguística, mas sobretudo biográfica ; ela está em busca de uma legitimidade à qual ela não consegue ter acesso:

Y: Eu sempre vivi Paris como uma cidade que me excluía [...] Na qual, primeiramente, eu não pude, do ponto de vista econômico, me instalar, encontrar um lugar para viver [...] daí a minha reação [...] como Paris me exclui, eu excludo Paris. Para mim, eu vou a Paris [...] Eu faço parte das raras pessoas que podem dizer, hoje [...] eu vou a Paris [...] mesmo se hoje eu vou lá mais facilmente [...] Eu desmancho certos complexos.

F: E esse afastamento de Paris foi exclusivamente econômico?

Y: Não, Paris não é minha cultura.

Ela nos explicou, depois da entrevista, que ela tentou, várias vezes, ser aceita por Paris, vivendo lá durante algum tempo, mas seu desejo de fazer demasiado, soa falso na *hiperbiografização*. Ela decide então “contornar Paris”, mudando-se para o subúrbio, ou em suas palavras, “indo morar na periferia”. Essa sua vontade foi, desde o início, contrariada pela recusa categórica de seus amigos parisienses, na sua maioria estudantes universitários, vendo-a ir se instalar fora da capital. A troca de impressões que se segue evidencia a discrepância entre o modo de Yaël se biografar e uma biografia socialmente legitimada: a do mundo acadêmico ao qual pertence agora, após a obtenção de um lugar no ensino superior:

Eu fui atingida na cara por uma realidade [...] que não queria ver [...] Lembro de uma vez, em que uma pessoa, com quem vivi por muito pouco tempo em Paris, a quem eu disse que ia me mudar para o subúrbio, e ela me respondeu: “Sobretudo, não faça isso, ninguém vai te ver”. Achei isso extremamente violento [...] Essa menina era diplomada pela Escola Normal Superior, mas seus pais eram estrangeiros, um produto puro do sistema francês, afrancesada pela escola, mas, por outro lado, com muitas feridas

[...] De vez em quando, ela me pedia para cuidar da filha dela [...] e ela deixou bem claro que, se eu saísse da casa dela, sua filha nunca poria os pés no subúrbio [...] Um dia, convidei alguns amigos para o meu novo apartamento na periferia, algumas colegas de Paris [...] Uma delas saiu um pouco mais cedo e voltou dez minutos depois, dizendo que tinham roubado a bolsa dela [...] Pouco a pouco, não via mais nenhum de meus colegas parisienses [...] parou [...] não sei bem porquê [...] mas no fim, talvez tenha sido [...] a gente percebe [...] que não éramos feitos para nos dar bem [...] Por isso, vou terminar por organizar a minha vida entre o subúrbio e minhas viagens [...] contornando Paris.

Desta forma, Yaël assume o risco de se afirmar. Essa parrésia e esse agir de risco são característicos dos fenômenos de *hipobiografização*. Ela age como se a imagem do subúrbio correspondesse a um lugar, a uma cidade, a um ambiente de vida onde ela se construiria e onde ela termina por se construir progressivamente. Ela vai se tornar perfeitamente pertencente ao lugar *onde se encontra*. Isso será particularmente evidente quando ela incorpora ao seu *idioleto* palavras e expressões da gíria<sup>7</sup>, como mostra o excerto seguinte:

No meu trabalho, vou pelo menos aprender algumas gírias [...] *meuf, québlo* [...] Vou integrar essas palavras ao meu próprio vocabulário, por simpatizar com meus alunos. Talvez esteja tentando refazer o molho holandês, misturando palavras, culturas, influências [...] [Para mim], é uma forma de resistir [...] abrindo portas diferentes [...] Você pode sempre partir de sua própria experiência para [...] explicar, convencer [...] Espero que, um dia, a sociedade francesa se torne um pouco menos rígida.

## Conclusão

Este artigo, assim como nossa pesquisa sobre a insegurança linguística (IL), baseia-se em uma

7 O idioleto corresponde ao uso particular que um indivíduo faz de uma única língua (Cuq, 2003, p. 124). Em outras palavras, pode ser definido como o conjunto de usos linguísticos específicos de um determinado indivíduo.

constatação: a predominância de trabalhos sobre hipercorreção e a ausência de qualquer conceituação dos fenômenos de hipocorreção. Toda interação social contém potencialmente traços da posição social das pessoas que dela participam. E a linguagem na qual a interação se realiza parece, assim, moldar o mundo. Portanto, procuramos aqui compreender e analisar as maneiras com as quais os indivíduos podem exercer seu poder de ação diante de sua insegurança linguística (IL), tanto em relação às desigualdades e quanto às discriminações, com vistas às transformações sociais. Com base nesse questionamento, propusemos então uma definição de insegurança biográfica (IB), que possibilitasse melhor escutar o indivíduo silencioso e com base nesse entendimento evidenciar as inseguranças do sujeito, tanto linguística quanto biográfica.

A partir de então, e no contexto da interpretação e da análise da entrevista narrativa biográfica de Yaël, surgiram fenômenos de hipobiografização, que permanecem representativos, em nosso entender, de uma nova prática automedial, na medida em que são característicos da passagem de uma IB dita/enunciada, para uma IB acional e/ou crítica, via um processo de conscientização (Freire, 1974), revelador de uma ação de riscos assim como de um sujeito parresiástico (Foucault, 2016).

De fato, quando a IB se torna crítica, através de um pacto parresiástico (Foucault, 2009) e da ausência de consciência de conflito, o indivíduo se torna então plenamente sujeito, considerando-se que « falar [poder agir] é existir necessariamente para o outro » (Fanon, 1952, p. 36).

## Referências

Berger, P. et Luckmann, T. **La construction sociale de la réalité**. Paris: Armand Colin, 1966/2018.

Bourdieu, P. **Ce que parler veut dire**. Paris: Fayard, 1982.

Bourdieu, P. Vous avez dit “populaire”? **Actes de la recherche en sciences sociales**. V. 46, L’usage de la parole. p. 98-105, 1983.

Bourdieu, P. L’illusion biographique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, V. 62-63, p. 69-72, 1986.

Bretegnier, A., Ledegen, G. (dir.). **Sécurité/Insécurité linguistique**: Terrains et approches diversifiés, propositions théoriques et méthodologiques, **Actes [...]** 5e Table ronde du Moufia (22-24 avril 1988). Paris: L’Harmattan, 2002.

Calvet, L.-J. **Pour une écologie des langues du monde**. Paris: Plon, 1999.

Cuq, J.-P. **Dictionnaire de didactique du français langue étrangère et seconde**. Paris: CLE international, 2003.

Delory-Momberger, C. Biographie, socialisation, formation. Comment les individus deviennent-ils des individus? **L’Orientation scolaire et professionnelle. Travail**, 33, p. 551-570, 2004.

Delory-Momberger, C. **La condition biographique**. Essais sur le récit de soi dans la modernité avancée. Paris: Téraèdre, 2009.

Delory-Momberger, C. Biographie/Biographique/Biographisation. In C. Delory-Momberger (dir.). **Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique**. Toulouse: Editions Érès, 2019a. p. 44-51.

Delory-Momberger, C. Hétérobiographie/Hétérobiographisation. In C. Delory-Momberger (dir.). **Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique**. Toulouse: Editions Érès, 2019b. p. 89-91.

Eribon, D. **Retour à Reims**. Paris: Flammarion, 2009.

Eribon, D. **Retours sur Retour à Reims**. Paris: Éditions Cartouche, 2011.

Foucault, M. **Fearless speech**. Los Angeles: Joseph Pearson, 2001a.

Foucault, M. **Herméneutique du sujet**. Cours au Collège de France, 1981-1982. Paris: Gallimard, 2001b.

Foucault, M. **Le gouvernement de soi et des autres**.

- Cours au Collège de France, 1982-1983. Paris: Gallimard, 2008.
- Foucault, M. **Le courage de la vérité**. Le gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France, 1984. Paris: Gallimard, 2009.
- Foucault, M. **Discours et vérité précédé de La Parrêsia**. Paris: Vrin, 2016.
- Francard, M. (en collaboration avec Lambert, J., et Masuy F.). L'insécurité linguistique en Communauté Française de Belgique. **Français et Société**, n° 6. Bruxelles, 1993.
- Francard, M. Hypercorrection. In M.-L Moreau (dir.). Sociolinguistique, Les concepts de base. Liège: Mardaga, 1997.
- Freire, P. **Pédagogie des opprimés**. Petite collection Maspero, 1974.
- Jaquet, C. **Les transclasses ou la non-reproduction**. Paris: Presses Universitaires de France, 2014.
- Jaquet, C. **La fabrique des transclasses**. Paris: Presses Universitaires de France, 2018.
- Jaquet, C. avec Durand, J.-M. **Juste en passant**. Paris: Presses Universitaires de France, 2021.
- Jullien, F. François Jullien, grand témoin, tire la leçon. In.: Conseil économique, social et environnemental, **Entre temps court et temps long**. Paris: Presses Universitaires de France, 2013. p 79-92.
- Jullien, F. **Rouvrir les possibles. Dé-coïncidence, un art d'opérer**. Paris: Les Éditions de l'Observatoire, 2023.
- Labov, W. **Sociolinguistique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976.
- Labov, W. La langue des paumés. **Actes de la recherche en sciences sociales**. V. 17-18, p. 113-129, 1977.
- Merleau-Ponty, M. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.
- Moreau, M.-L. **Sociolinguistique**. Concepts de base. Liège: Mardaga, 1997.
- Moussion, F. Le non-événement: vers la prise en compte d'un nouveau paradigme? **Questions Vives**, n° 34, p. 48-65, 2020.
- Moussion, F. **L'insécurité linguistique: du processus de biographisation à l'émergence du transclasse**. [Thèse de Doctorat en Sciences de l'éducation et de la formation, Université Sorbonne Paris Nord - Paris 13], 2022.
- Moussion, F. D'une résilience dite à une résilience agie: des phénomènes d'hypocorrection à l'émergence du transclasse? Dans N. Balutet & E. Camp-Pietrain (dirs.). **La résilience du transclasse**. Parcours personnels, politiques, littéraires. Le Bord de l'eau (documents), 2023. p. 113-134.

Recebido em: 15/10/2023

Revisado em: 15/11/2023

Aprovado em: 20/11/2023

Publicado em: 08/12/2023

**Frédéric Moussion** PhD em Ciências da Educação e da formação pela Universidade de Sorbonne Paris Nord, U.R: Experiência. E-mail: [frederic.moussion@univ-paris13.fr](mailto:frederic.moussion@univ-paris13.fr) [frederic.moussion@yahoo.fr](mailto:frederic.moussion@yahoo.fr)